

AUTOR, DISCURSO FUNDANTE E CONSTRUÇÃO DE SENSIBILIDADES¹

AUTHOR, FOUNDING DISCOURSE AND THE CONSTRUCTION OF SENSITIVITIES

Guilherme Figueira-Borges²

Resumo: Neste artigo, discuto uma noção de autor no quadro dos estudos foucaultianos (1992, 2015) e, para tanto, lanço o olhar para a constituição de Santos (2007, 2009, 2011) enquanto um nome de autor que organiza discursos, apresenta um discurso fundante e, de certo modo, trabalha na construção de sensibilidades. Para contribuir com a discussão sobre a noção de “autor”, estabeleço também um diálogo com Nietzsche (2008, 2012) e Larrosa (2016), neste busco a noção de construção de sensibilidade e naquele a “resistência à significação”. Assim, evidencia-se que os gestos de construção de extensões teóricas elaboradas por Santos (2007, 2009, 2011), por um lado, incidem sobre a sensibilidade dos sujeitos gerando outras interpretações sobre a realidade e, por outro lado, elas estão, por resistirem à significação, sempre por se fazer e incompletas, exigindo posicionamentos dos sujeitos que as operam em suas análises.

Palavras chave: Autor. Discurso Fundante. Foucault.

Abstract: This article discusses the author based on Foucauldian studies (1992, 2015). Santos (2007, 2009, 2011), an author who organizes discourses, proposes a founding discourse, and, in a way, works on the construction of sensitivities. To contribute to the discussion about the concept of “author”, a dialog between Nietzsche (2008, 2012) and Larrosa (2016) is also established to reflect upon the construction of sensitivities and the “resistance to signification.” Therefore, the manners of constructions of theoretical extensions proposed by Santos (2007, 2009, 2011), on one hand, reflect upon the subjects’ sensitivity, creating other interpretations about the reality. On the other hand, they are always incomplete and unfinished because they resist the signification and also require a position by the subjects that operate them in their analysis.

Keywords: Author. Founding Discourse. Construction of Sensitivities. Foucault.

a escrita está agora ligada ao sacrifício, ao sacrifício da própria vida; apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, já que se cumpre na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Foucault (1992, p. 36)

De tudo o que é escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com

¹ Texto apresentado, em 2017, na VI Jornada de Estudos Polifônicos organizado pelo Laboratório de Estudos Polifônicos (LEP) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Professor no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Morrinhos e no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidades (POSLLI – UEG). Atua, também, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem PPGEL – UFCat. Lider do “Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche” GEDIN/CNPq. Email: guilherme.borges@ueg.br

sangue: e verás que sangue é espírito. Nietzsche (2011, p. 40)

Confesso que há muito tempo venho pensando em falar sobre as questões que vou apresentar hoje, dada a singular especificidade e lugar social que a noção de autor tem na sociedade. Mas é preciso entender que esse tema é extremamente arriscado e comporta, sem sombra de dúvidas, falhas e contradições. Por isso, resolvi escrevê-lo na forma de ensaio e submetê-lo a interpretação e questionamentos. O tema da minha fala trata especificamente sobre a questão do “autor”, ou melhor, como um conjunto de discursos, de enunciados e de obras podem ser atribuídos ou direcionados a um “nome” que organiza práticas e constituições de sujeito na história, de certo modo construindo e/ou, pelo menos, mobilizando sensibilidades. Autor que mobiliza uma escrita que materializa uma face de sua constituição, remarcando que a escrita é sempre da ordem do corte, da ferida e do esfacelamento, por isso, talvez, a metáfora nietzschiana de “escrever com sangue” se aplique para pensar a sua prática. A escrita escamoteia – ou nos dizeres de Foucault (2012) e Barthes (2004), mata – o indivíduo no mundo, fazendo emergir uma função sujeito que recorta, na materialidade do que é dito, determinados discursos em detrimento de outros que aguardam, no caos da historicidade, o seu momento de retorno.

Barthes (2004) é categórico ao evidenciar que é preciso declarar a morte do autor, na medida em que pouco interessa o indivíduo no mundo que fala, o que deve imperar é justamente os discursos que são ditos em determinado tempo-espço, evidenciando posições e marcações históricas. Há uma luta, que evidencia uma linha de pensamento vigente na época, contra uma noção de autor biológica e, sobretudo, biográfica que busca balizar interpretações da obra somente por circunstâncias de vida de quem pegou a caneta para escrever. Para esse trabalho, buscarei estabelecer um diálogo entre Foucault (1992, 2015) e Nietzsche (2008, 2012) para perseguir respostas coerentes, sem ter certeza que talvez as encontre, para a pergunta: “que importa quem fala?” (FOUCAULT, 1992, p. 34).

Convém apresentar, nesse momento, o autor que me interpela a propor esta fala: João Bosco Cabral Dos Santos, João, Jonny ou, academicamente, Santos (2007, 2009, 2011), é possível tratar cada uma destas instâncias separadamente, haja vista que, enquanto sujeito, ele movimenta discursos diversos em cada uma delas, mas me

interessa pensar uma regularidade entre elas, ou melhor, que elas remarcam uma função que movimenta e instaura discursividades. Nos dizeres de FOUCAULT (1992, p. 44-45), o “nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.)”, haja vista que “ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimita-los, deles excluir alguns, opô-los a outros”. Pensar João Bôsko Cabral dos Santos, e empregarei, de agora em diante, Santos – mas confesso que preferiria usar apenas Johnny – enquanto um nome de autor, implica estabelecer um jogo desconcertante com a alteridade, na medida em que boa parte das palavras e expressões que ele mobilizou e mobiliza em suas práticas enunciativas foram utilizadas por inúmeros outros autores, em outros momentos, como “referencialidade” e “polifonia” para propor o impensável, e por isso mesmo desconcertante, que é a noção de “referencialidade polifônica”. Pensada enquanto uma extensão teórica a partir do arcabouço bakhtiniano para ser empregada no campo da Análise do Discurso francesa. Segundo Santos (2011, p. 109-110), é preciso entender a extensão de “referencialidade polifônica como bases discursivas que balizam o imaginário sócio discursivo dos sujeitos actantes no processo enunciativo. Essas bases comportam referentes de natureza histórica, social, cultural, filosófica, psicológica, política e linguística” que, de certo modo, são “determinantes da circunscrição do sujeito em formação social de sua filiação em um espaço discursivo e de sua alteridade enunciativa numa diversidade de formações discursivas e ideológicas”. A noção de “referencialidade polifônica” foi pensada, assim, enquanto um instrumento teórico que abre a possibilidade de lançar um olhar outro para as vozes que pulsam e se fazem sentir na constituição histórica dos sujeitos.

Como já se pode perceber uma das principais características da função autor é a fundação de outras possibilidades de análise da realidade, abrindo por conseguinte outras possibilidades de se viver na história, na medida em que instaura outras interpretações da realidade. Fato que demarca que a relação, estruturada através da linguagem, do sujeito com o real é da ordem do contingente, remarcando que, na descontinuidade da história, os sujeitos podem se constituir sempre outros. É extremamente relevante entender então como o autor, inscrito em uma função sujeito, relaciona-se com com que lhe é exterior e anterior. Falar sobre autor é falar sobretudo

sobre subjetividade que provoca um complexo jogo de identificação com outros sujeitos o que nos ajuda a entender porque estamos aqui vivendo e sentindo esse dia que não se apagará de nossas memórias³. Próprio é de sua função mobilizar alteridades em suas práticas afetivas, educativas, laborais, sexuais, dentre outras.

Há, todavia, conforme destaca Foucault (1992), determinadas instâncias que escamoteiam o esfacelamento do “autor”, a saber, a noção de “obra” e a noção da “escrita”.

Foucault (1992, p. 38) levanta a seguinte problematização: “será que tudo o que ele [o autor] escreveu ou disse, tudo que ele deixou atrás de si faz parte de sua obra?”. Seria a obra de um autor apenas os livros, capítulos e artigo publicados? Ou poderíamos estender a dimensão de obra de Santos e agregar e-mails enviados, conversas no WhatsApp, os comentários deixados nas dissertações e teses, as rasuras feitas nos livros, ou ainda será que não se poderia dizer que se constitui obra também discussões realizadas e gravadas aos sábados de manhã em uma biblioteca? Como é possível perceber, “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor” (FOUCAULT, 1992, 39). Pensar o autor por meio da noção de “obra” impõe uma complexidade que é desconcertante e angustiante porque a “obra” talvez não esteja tanto na materialidade daquilo que fica após o esfacelamento do autor, mas nos efeitos e nos sintomas que ela causa em nós enquanto sujeitos. Mas fato inegável é que tentar delimitar a “obra” de um autor é, desde sempre, investir em um silenciamento da sempre movente e efêmera constituição do sujeito.

Uma outra noção que apaga a desapareição do autor é a noção de “escrita” na medida em que ela põe questões sobre uma materialidade, enquanto um resto de um singular acontecimento inacessível a nós. A escrita de certo modo carece de atribuição a um dado autor, a um dado sujeito no mundo. E pensar a escrita passa, também, por uma delimitação e um questionamento de quem segurou a pena para escrever. A escrita implica apontar um sujeito que irrompeu a superfície, ilusoriamente, lisa do papel em branco e, por meio de maternidades, tornou turvo tudo aquilo que, nas cristalizações sociais, parecia transparente. A escrita coloca em evidência, enquanto um gesto do autor,

³ Trata-se do dia em que ocorreu, em 2017, a VI Jornada de Estudos Polifônicos na Universidade Federal de Uberlândia. O tema desta jornada foi uma homenagem ao Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos.

a opacidade da língua(gem). Foucault (1992, p. 41) menciona que “o uso da noção de escrita arrisca manter os privilégios do autor sobre a salvaguarda do *a priori*: ele faz subsistir na luz obscura da neutralização o jogo das representações que formaram uma certa imagem do autor”. A escrita constrói um jogo de representações de um dado autor, levando em consideração um jogo estético de organização da linguagem o que sustentaria pensar, por exemplo, em um padrão de escrita foucaultiano a partir de uma organização da materialidade linguística que se aproxime a uma imagem construída (da escrita) de Foucault. Entretanto, é preciso tomar cuidado porque a noção de escrita pode nos remeter um “estatuto originário” (FOUCAULT, 1992, p. 40) a partir de uma perspectiva religiosa. Pensar nesse estatuto originário implica tomar a linguagem fora de um jogo de movimentações e deslocamentos causados nos e pelos sujeitos ao longo da história. Precisamos pensar justamente o contrário, não há um *a priori* histórico que salvaguarda a linguagem, a linguagem sempre esteve no centro de um jogo de repressões e de transgressões, o que remarca o fato de a escrita ser um trabalho sobre/com a linguagem, a escrita destorce, inverte, desloca, fragmenta, cria através de um gesto de autor na espacialidade do papel em branco.

Apesar de uma noção de obra e de uma noção de escrita escamotear o esfacelamento do “autor” por uma afirmação do sujeito, fica cada vez mais evidente que Santos é um nome de autor, haja vista que ele apresenta uma dada função que organiza discursos sobre e para as práticas sociais. Foucault (1992) menciona inúmeras características da função autor dentre as quais considero fortuito destacar a “constituição fundante”. Por outro lado, a partir de inscrições na teoria nietzschiana, gostaria também de pensar a função autor a partir de duas outras características que é a “resistência à significação” e “operação sobre a sensibilidade” dos sujeitos (LARROSA, 2016). Nessas características do autor (a saber, “constituição fundante”, resistência à significação” e “operação sobre as sensibilidades”) que vou me ater a partir de agora.

Segundo Foucault (1992, p. 57-58), os autores “se encontram em uma posição “transdiscursiva”, haja vista que eles podem ser considerados “fundadores de discursividades”. Nesse sentido, quando Santos propôs as noções “Referencialidade Polifônica”, “Instância Enunciativa Sujeitucional e/ou Sentidural” “N-Essência”, dentre outras, houve uma operação sobre as bordas, os limites do Campo da Análise do Discurso. Santos (2007, 2009, 2011), ao propor as extensões teóricas mencionadas, não

produziu signos novos, ou conceitos que são inteiramente novos, pelo contrário, ele trabalha sobre a própria estrutura da língua de modo a estabelecer uma movimentação dos signos e faz com que outros sentidos lhes sejam possíveis. Portanto, é preciso mencionar que as extensões fundadas por Santos (2009) não são criações inteiramente novas mais um intenso trabalho sobre os signos que já funcionavam no campo de estudos do discurso. Nesse sentido, pensar em fundação de discursividades implica instaurar outras linhas interpretativas da realidade a partir de gestos linguístico-discursivos de um sujeito autor. Fato que levou Santos (2007, 2009, 2011) a trabalhar em conceitos que, de certa forma, já haviam sido pensados antes como, por exemplo, a noção de sujeito. Posso citar, nesse sentido, o caso da extensão teórica “Instância Enunciativa Sujeitucional”. Nos dizeres do autor, “quando o sujeito ocupar uma posição de lugar discursivo, lugar social ou ambos, em alteridade, ele instaurará um processo de identificação e desidentificação desses e nesses lugares. Essa inserção posicional de natureza interpretativo-ideológico-heterotópica o transforma em uma instância enunciado ativa o sujeito” (SANTOS, 2009, p. 85). Assim, vemos um gesto de trabalho sobre os signos para fundar outras interpretações sobre o sujeito nas/das práticas sociais, tentando entender a movimentação que ele faz entre lugares sociais e lugar discursivo. Portanto, houve um trabalho sobre como os sujeitos podem apreender a realidade o que abre, sem sombra de dúvida, novas modalidades de vida. Porque apreender e entender, por exemplo, a instância enunciativa sujeitucional implica o sujeito ter atos mais responsáveis e responsáveis com o outros na sociedade. É relevante remarcar que “diferentemente da fundação de uma ciência, a instauração discursiva não faz parte dessas transformações ulteriores, ela permanece necessariamente retirada e em desequilíbrio” (FOUCAULT, 1992, p. 62). E esse desequilíbrio permanente abre a possibilidade de outras aplicações dos conceitos em trabalhos como, por exemplo, os de Silva (2010) que analisou a constituição sujeitucional na obra *Desmundo*, de Ana Miranda, e Proença (2016) que lançou um olhar para instância sujeitucional de Mônica em HQs, de Maurício de Sousa, que evidenciam suas fases de infância, adolescente e adulta.

A fundação de discursividades é possível porque a história apresenta fissuras e brechas a partir das quais outras posições sujeito podem emergir nas práticas sociais. Mas essa emergência só é possível a partir de um tenso questionamento sobre a

especificidade da linguagem e, também, dos discursos que ela materializa. É preciso, utilizando um termo foucaultiano (mas que alguns foucaultianos infelizmente esquecem em suas práticas cotidianas), fazer a teoria “ranger”. Se por um lado enquanto alguns sujeitos-pesquisadores desejam aplicar os conceitos de forma mecânica, em Santos (2007, 2009, 2011), por outro lado, vemos uma tensa distensão e ressignificação responsável dos conceitos. Digo “responsável” porque a fundação de extensões teóricas não ocorreu ao acaso, mas sobre um princípio metodológico rígido. É preciso suportar a tensão de ter um gesto “transdiscursivo”, na medida em que há um abalo nas relações de saber e de poder postas na sociedade acadêmica o que pode gerar práticas de resistências que implicam em interdições e exclusões. Na academia, enquanto uma instância da vida, os sujeitos devem suportar no corpo sintomas de um pensar diferente.

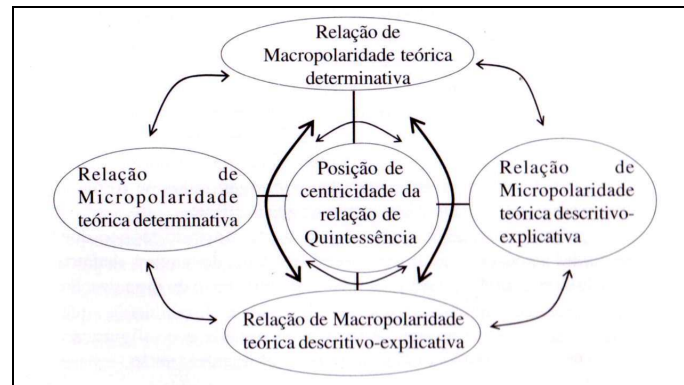
Seguindo essa linha de raciocínio, há duas constatações de Nietzsche, presentes na obra *Ecce Homo*, que gostaria de evocar porque dizem respeito diretamente à questão do autor: i) “Tampouco á ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos” (NIETZSCHE, 2008, p. 50); ii) “quando em certa ocasião o dr. Heinrich von Stein queixou-se honestamente de não entender palavra do meu Zaratustra, disse-lhe que era natural: haver compreendido seis frases, [implicaria em] tê-las vivido” (NIETZSCHE, 2008, p. 50). É relevante entender, a partir desse retorno a Nietzsche, que um autor, enquanto uma função discursiva, vive um anacronismo pulsante. Essa sensação de anacronismo afeta, ilusoriamente, os fundadores de discursividades a partir de uma “resistência à significação” do ato criativo. Entretanto, não é que Santos esteja fora do seu tempo ou que o futuro lhe proporcioná uma melhor interpretação, trata-se, em todo caso, do fato de que as noções e conceitos por ele pensadas, dada a resistência à significação, estarão sempre por se fazer, incompletas, possibilitando sempre outros desdobramentos. A resistência à significação é o que possibilita dizeres como “o que Santos faz não é Análise do Discurso” ou “esses conceitos são frutos de uma mente delirante”. Daí a sensação de estar só, de tentar estabelecer diálogos, mas os sujeitos se fecharem por não se sentirem identificados com as criações conceituais realizadas, com as extensões elaboradas.

Por isso, pensar o autor a partir da fundação de discursividades implica uma “operação sobre as sensibilidades” dos/nos sujeitos leitores. Nesse sentido, Nietzsche (2012, p. 55), ao conceituar o leitor que ele espera, menciona que se faz necessário que

o homem “não coloque, a si e à sua cultura, como medida e critério seguro de todas as coisas”. Entendendo o “si” enquanto a historicidade do/no sujeito e “cultura” enquanto um complexo de saberes que já foram produzidas e que reverberam na história de uma sociedade. Nietzsche (2012) pontua a necessidade de uma análise que o sujeito deve fazer de si-mesmo que vise desconstruir o que está cristalizado em sua constituição. É preciso destacar que esses dois elementos – especificamente o “si” e a “cultura” – se imbricam, mas são de naturezas distintas, haja vista que um é da ordem do individual/subjetiva e o outro do social/coletivo. Para Nietzsche (2012), uma operação sobre a sensibilidade só se torna possível se conseguimos silenciar a historicidade que nos constitui e nos abrir ao novo/outro. Confesso que essa perspectiva nietzschiana (2012) alfinetou a minha constituição de analista do discurso, pois como pensar um silenciamento da história, da memória, das vozes que pulsam na nossa constituição para nos constituirmos “leitores” outros? Seria possível esse instante talvez fora da linguagem? Ler Larossa (2016) fez com que essa visão nietzschiana se tornasse mais acessível, ele esclarece que vivemos momentos de silenciamento sem que este fato se torne evidente para nós, quando, por exemplo, lançamos rapidamente o olhar para uma pintura, uma cena de um filme, uma música, e somos atordoados por uma centelha de silenciamento que a nossa mente, rapidamente, recobre de sentidos. É preciso destacar que esse silenciamento provoca uma operação na sensibilidade do sujeito, na medida em que questiona o estatuto da linguagem e a sua capacidade de recobrir de sentidos o mundo. Por isso, para Nietzsche (2012), é importantíssimo que os sujeitos tenham contato com modalidades de arte, haja vista que ela evidencia a vida que pulsa nos sujeitos e que eles tentam, através da linguagem, incessantemente controlar.

Assim, pode-se dizer que Santos (2007) operou e opera sobre as nossas sensibilidades, posto que, por exemplo, o silêncio que sentimos quando lemos sobre a “N-essência em dupla ou tripla hélice” e por uma centelha de tempo não conseguimos recobrir o mundo de sentidos. Fato que gera um desconcertante desequilíbrio em nossa constituição de sujeito, restando “abandonar-se com toda confiança à condução do autor que ousou falar-lhe assim, somente por não-saber e saber do seu não-saber” (NIETZSCHE, 2012, p. 55). Em Santos (2007, p. 190), delimita-se que a N-essência “diz respeito às múltiplas possibilidades de associarmos conceitos de uma teoria, construindo equivalências potenciais que nos permitam abordar combinações entre

elementos constituintes, constituídos e constitutivos desses conceitos”. Em um nível de representação imagética da N-essências, o autor delineou o seguinte esquema:



Fonte: Santos (2007, p. 191)

Há, também, a seguinte explicação dos eixos:

Uma N-essencia, em sua Constituição de interface, possui dois eixos de movimentação epistemológica: i) um eixo horizontal que representa as micropolaridade teóricas, e ii) um eixo vertical que representa as macropolaridade teóricas. Estamos chamando de micropolaridade teóricas elementos de identificação conceitual que delimitem unidade de recorte fundadoras de uma *semiose conceitual*. Já as macropolaridades dizem respeito a concepções de ordem conjuntiva que refletem amplitudes de percepção na relação entre um conceito de polaridade e seu alcance em face de uma relação de clivagem e injunção e não se ativa. SANTOS (grifos do autor, 2007, p. 190)

Como é possível perceber, dada a complexidade da noção de N-essência, é necessário que o sujeito-analista se desloque teoricamente, passando a ter, a partir de uma operação sobre a sua sensibilidade, uma outra análise da realidade. Remarco, assim, que o silenciamento tem uma característica formativa, segundo Larossa (2016, p. 46), “[a] formação não é outra coisa senão o resultado de um determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra: uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor”. Essa visão de Larossa (2016), com uma inspiração nietzschiana, é relevante na medida em que ela nos permite compreender que Santos, enquanto uma função autor, instaura formação por uma ressignificação de um conhecimento posto e cristalizado. E, se a sensibilidade para Nietzsche é uma questão também física, podemos dizer que o

autor, ao operar sobre a sensibilidade, ao ordenar discursos segundo um princípio, atua sobre os nossos corpos de sujeito.

Já encaminhando minhas considerações, gostaria de retorna a Foucault (1992) no que diz respeito ao seu posicionamento sobre a questão do autor e, para isso, gostaria de evocar ainda dois excertos que evidenciam pontos relevantes da função autor, a saber: i) o fato de o autor ser centelha, de cruzamentos espaço-tempo, da função sujeito; ii) pensar a função autor não nega que a instância corporal do autor no mundo exista e produza efeitos no/pelo que foi escrito. Vejamos os apontamentos foucaultianos:

- i. O autor – ou o que tentei descrever como função autor – é com certeza apenas uma das especificações possíveis da função sujeito. FOUCAULT (1992, p. 70)
- ii. “definir a maneira como se exerce essa função [autor], em que condições, em que domínio, etc., não quer dizer, convenhamos, que o autor não existe” FOUCAULT (1992, p. 81)

A partir dessas considerações, parece-me que a corporeidade do autor, enquanto sujeito, é em alguns casos indispensável. A imagem, construída por um jogo imaginário de um leitor sobre um autor, contribui para a função de agrupamento, reordenamento, classificação dos discursos nas práticas sociais. Nesse sentido, posso afirmar que a função autor Santos (2007, 2009, 2011) só produziu identificações desconcertantes em mim e em outros pesquisadores, como já mencionei, porque João Bôsko Cabral dos Santos, enquanto sujeito, esteve na nossa frente em inúmeros contextos, teve cheiro e toque suaves além de dizer acentuadamente assuntos temerosos em nossos ouvidos. Instâncias enunciativas essas que apresentam uma função e não cessam de produzir efeitos em nossos modos de viver na contemporaneidade.

Referências

- BARTHES, R. “A morte do autor”. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Autor, discurso fundante e construção de sensibilidade. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 151-161, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

_____. Nietzsche, Freud, Marx. In: *Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 41-57.

LARROSA, J. “Do espírito de criança à criança de espírito”. In: *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016, p. 45-72.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. “Do ler e escrever”. In: *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 40-41.

_____. *Escritos sobre Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PROENÇA, Luísa Inocência Borges. *Interdiscursividade e subjetividade em Mônica de Maurício de Sousa*. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SANTOS, J. B. C. “Entremeios da Análise do Discurso com a Lingüística Aplicada”. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. *Percursos Da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 187-206.

_____. “A Instância Enunciativa Sujeitucional”. In: *Sujeito e Subjetividade: Discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 83-101.

_____. “Referencialidade Polifônica: uma extensão no pensamento bakhtiniano”. In: STAFUZZA, G. *Slovo - O Círculo de Bakhtin no Contexto dos Estudos Discursivos*. Curitiba: Appris, 2011, p. 99-116.

SILVA, Lilian Márcia Ferreira da. *Interdiscursividade e constituição sujeitucional em desmundo de Ana Miranda*. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

Recebido em maio de 2019.

Aceito em julho de 2019.